

## VI-MOSCOU “TUDO ESTÁ NORMAL”

(...)

### SEIS

Quando Mia e eu partimos da Rússia, Pútín não era mais um fenômeno. Contra todas as expectativas, o ex-tenente-coronel da KGB, que nunca havia concorrido numa eleição e se vangloriava de ter uma popularidade que não chegava a 2% quando Iéltsin o nomeou o herdeiro de sua escolha, tinha moldado uma nova era. "Com Pútín", era assim que agora começavam as frases das pessoas.

Roy Miedviédev, o historiador marxista cujo livro *Let History Judge*, publicado em 1971, é uma obra fundamental sobre o stalinismo, falou do "milagre de Pútín". Fui visitá-lo no sanatório da União dos Escritores Soviéticos, outrora um lugar elegante, no povoado de Peredelkino, perto de Moscou. Peredelkino, que já foi um lugar exclusivo de escritores e poetas, agora refletia os novos tempos. Os escritores estavam envelhecendo e os Novos Russos haviam se mudado para lá. As reveladoras mansões de tijolo vermelho agora se erguiam entre as velhas *datchas* de madeira em ruínas.

Miedviédev tinha apenas elogios para o novo homem que estava no leme. Afinal de contas ao assumir a SSF, no verão de 1998, um dos primeiros atos de Pútín foi convidá-lo na Lubianka para fazer uma conferência sobre Andropov, o último chefe da KGB a subir ao Kremlin. Na época, Miedviédev tinha acabado de publicar uma biografia de Andropov, que governara a União Soviética durante quinze meses antes de sucumbir a uma falência renal.

Sentamo-nos sob os pinheiros e conversamos sobre Pútín. Andropov, disse Miedviédev, era "claramente um herói". Durante a sua gestão na KGB, de 1967 a 1982, a polícia secreta tinha mantido os dissidentes sob controle, mas seus fãs gostavam de argumentar que quando Andropov sucedeu Briéjnev em 1982 ele introduziu uma geração de pensadores mais jovens, mais modernos, um dos quais era Mikhail Gorbatchov. O mito, que ganhou uma nova aceitação nos últimos anos de Iéltsin, sustentava que Andropov tinha mão de ferro, mas alma de humanista. Secretamente ele até mesmo era, insistiam seus admiradores, pró-ocidentalização. A fábula vinha dos tempos em que os corpos de imprensa ocidental, segundo as histórias da KGB, ajudaram a enobrecer a imagem de Andropov no estrangeiro. O novo dirigente soviético, informaram-se os leitores ocidentais, era "um intelectual" (ele usava óculos de fundo de garrafa) que falava muito bem inglês, conversava em alemão coloquial e secretamente adorava tênis, tango, um bom uísque, arte abstrata, Glenn Miller e ficção americana. Sua biblioteca era enorme, dizia-se, e incluía até mesmo *O vale das bonecas*.

Ao relembrar os perfis de Andropov veiculados no Ocidente, Miedviédev deu uma risadinha. O "Bom Andropov" não era o Andropov que Pútín admirava. O Andropov de Pútín era o homem que tinha previsto a necessidade de restaurar a lei e a ordem.

"Pútín", disse ele, "como Andropov, sabe da necessidade de manter a ordem acima de tudo. Ele percebe que o Estado desmoronou com o fim da URSS e durante anos nós vivemos essencialmente num Estado malogrado." Os anos de Iéltsin conseguiram apenas um arremedo de lei, de ordem política, de instituições democráticas. "Pútín chegou, examinou o caos e disse: 'Precisamos voltar e aprender com Andropov'. Aprendemos, infelizmente, que o Estado não pode se manter por conta própria." Segundo o historiador, Pútín compreendeu que, para sobreviver, o Estado precisa de uma autoridade centralizada, forte - do contrário as forças centrífugas dilacerariam a federação.

Miedviédev estava agora perto dos setenta anos, frágil e grisalho. Ele nunca havia desfrutado a confiança ou a admiração dos dissidentes e historiadores do Memorial. O autor de *Let History Judge* ainda imaginava, como admitiu num momento de nostalgia, que o marxismo era possível na Rússia. Antes de me despedir, caminhamos de volta para o seu quarto no sanatório. Ele queria me dar um presente. Seu trigésimo segundo livro tinha acabado de sair; era uma pequena biografia política do novo presidente, cujo título em russo queria dizer *O enigma Pútín*.

Quando Iéltsin o convocou para ser seu primeiro-ministro, em agosto de 1999, Pútín ficou lívido. Na ocasião ele estava na direção da SSF há apenas um ano. A cena televisionada no Kremlin foi notável. As primeiras palavras de Pútín foram: "*My liúdi voiénnnye* [Somos militares]". A mensagem era clara: "Cumpriremos as ordens dadas". Iéltsin tinha notado a dedicação ao dever que caracterizava o seu escolhido. "O Primeiro Presidente", como ele passaria a ser conhecido, precisava de uma garantia de imunidade para futuras ações penais, e Iéltsin a conseguiu logo que Pútín assumiu a presidência, no Ano-Novo de 2000.

No entanto, Pútín foi mais que leal. Primeiro dirigente russo nascido depois da Segunda Guerra Mundial, ele é acima de tudo um *gossudárstviennik*, um devoto do Estado que acredita na precedência deste sobre o indivíduo. Depois da crise de 1998, enquanto Iéltsin desaparecia de vista, muita gente em Moscou temia abertamente que a Federação Russa - 89 regiões, incluindo a Tchetchênia - acabasse como a União Soviética. Os que tinham sido vítimas da desvalorização e da inadimplência temiam agora a atomização. Antes, Pútín já havia se referido a esse perigo. Suas palavras não eram uma hipérbole política, garantiram-me os assessores do novo presidente, mas urna preocupação genuína. Os novos homens que se mudaram para o Kremlin e para a Casa Branca, sede do governo, falaram com urna confiança singular sobre qual tinha sido o mal da Rússia. Falaram não só com a vantagem de uma visão retrospectiva, mas por uma necessidade de justificar o que estava para acontecer.

De um modo inaudito, Pútín tornou medidas rápidas para fortalecer o Estado. Chamou a si a missão de reconstruir a *Vertikal*, como os novos homens no poder chamavam nostalgicamente a hierarquia de controle do Estado, que outrora ligava as regiões remotas ao centro e o centro a um homem. Enfrentou os governadores regionais mais indisciplinados. Iéltsin lhes havia dito para abarcar "tanta soberania

quanto puderem engolir". Rapidamente Pútín controlou aqueles que o fizeram: Chaimiiev no Tatarstão, Nazdrátenko em Primórie, Auchev na Inguchétia e Iakovlev em Petersburgo.

Não tardou em voltar suas atenções para a Duma, reduzindo-a a um corpo letárgico dominado por urna facção, a sua. O Iedínstvo, o Partido da Unidade, criado como veículo eleitoral para Pútín, manejava um tal poder parlamentar que até um membro muito graduado da equipe jurídica presidencial admitiu: "Somos o único país do mundo que tem um parlamento, mas não tem pluralismo". Depois o presidente reconstituiu a Câmara Alta, o Conselho da Federação, transformando urna imprevisível reunião de 178 governadores e dirigentes regionais num lugar onde se aprovam sem verificação nomeações políticas para as várias regiões.

Pútín logo estendeu seu alcance até bem longe de Moscou. Para aumentar seu controle sobre as regiões rebeldes, dividiu o país em sete superdistritos federais e mandou sete plenipotenciários para

governá-los. Cinco dos sete enviados de Pútín eram generais – do exército, do Ministério do Interior e da SSF. Para os historiadores moscovitas, o plano repetia o passado. As fronteiras das novas regiões federais pareciam-se muito com os distritos militares que Pedro, o Grande, tinha criado em 1708. A imprensa até mesmo começou a chamar os enviados de Pútín pelo nome czarista de "generais-governadores".<sup>(7)</sup>

Ao mesmo tempo Pútín partiu para a perseguição aos oligarcas - pelo menos àqueles que já não concordavam com tudo o que ele dizia. Os dois que caíram mais baixo, e mais depressa, dirigiam os únicos impérios da mídia nacional que o Estado não controlava. **Nem Vladímir Gussínski nem Boris Berezóvski eram talhados para o martírio.** Quando se tornou preciso, os funcionários cumpridores da lei quase não tiveram dificuldade em encontrar problemas na evolução financeira dos dois, durante a década anterior. No dia 13 de junho de 2000, **Gussínski se viu trancado dentro da famosa Prisão Butirka**, em Moscou.

Para os titãs do outrora estonteante mercado moscovita, a prisão de Gussínski assinalou o fim de uma era. Até Potánin, o banqueiro que controlava a Norilsk Níquel e que nunca pretendeu perturbar sua relação confortável com o poder do Estado, falou em "um novo esfriamento". Potánin convocou dezessete dos mais preeminentes empresários russos para minutar um pedido ao promotor público. "Até ontem", escreveram eles, "acreditávamos estar vivendo num país democrático; hoje

---

7-Os cinco generais enviados pelo presidente eram Viktor Kazantsev, Konstantin Pulikovski, Piotr Latichev, Víktor Tcherkessov e Gueórgui Poltavtchenko. Pedro, o Grande, dividiu a Rússia em oito distritos militares, em 1708. Se se deixam de lado os atuais países bálticos, têm-se quase exatamente as fronteiras dos sete distritos federais de Pútín. Mikhail Prussak, governador de Nóvgorod, disse-me que a idéia de redesenhar os distritos foi originalmente de Andropov, que, disse ele, tinha um plano secreto para dividir a URSS em treze regiões administrativas, mas morreu antes de implementá-lo.

temos sérias dúvidas quanto a isso.”<sup>(8)</sup> **Detido por suspeita de desfalque “de pelo menos 10 milhões de dólares” nos fundos do Estado**, Gussínski ficou preso quatro dias. Pútín, convenientemente fora do país, fingiu surpreender-se com a prisão. Inicialmente, alegou desconhecer o fato. "Se há um aspecto político no caso, eu o ignoro", disse Pútín em Madri, primeira escala de uma viagem pela Europa, ironicamente destinada a atrair investidores para a Rússia. No dia seguinte, ele revelou uma familiaridade surpreendente com os detalhes das finanças de Gussínski. O magnata, afirmou Pútín, não tinha pago empréstimos e suas dívidas chegavam a **1,3 bilhões de dólares**. Pútín só admitiu que a prisão de Gussínski tinha sido "um excesso" quando chegou em Berlim. Então ele disse que havia tentado se comunicar por telefone com o seu promotor público geral, mas não o encontrara.

Gussínski saiu de Butirka, mas a experiência o abalou. (Ele prometeu criar uma fundação para melhorar as condições prisionais.) Apesar de falar em reagrupamento, sabia que os ventos tinham mudado. Aleksei Venediktov, diretor de noticiários da Ékho Moskvyy, a estação de rádio da Mídia-MOST, estava convencido de que **a prisão de Gussínski tinha sido uma retaliação pela participação do presidente Bill Clinton num programa de entrevistas telefônicas** durante uma visita que fizera pouco tempo atrás a Moscou. Na época, os assessores da Casa Branca não esconderam o objetivo da participação de Clinton: apoiar a mídia de Gussínski, que estava em dificuldades depois de um ataque de surpresa à sua sede, e sublinhar a importância da liberdade de imprensa. Poucos dias antes da prisão de Gussínski, Venediktov tinha se encontrado com Volochin no Kremlin. "Ele disse que estávamos agindo perigosamente, adotando uma posição contrária ao Estado e recebendo Clinton", disse-me Venediktov. "Chegou a advertir que o Kremlin devolveria o ataque." Comentando a prisão, Strobe Talbott, que na época era vice-secretário de Estado, manifestou-se com uma franqueza rara em declarações públicas: "Há nisso um padrão que temos observado há algum tempo", disse ele. "Tem-se a impressão de que não se trata do domínio da lei [...] e sim de intimidação."

Por mais estranho que pareça, talvez tenha sido **Serguei Dorenko, o furioso porta-voz de Berezóvski na ORT (o canal nacional que ostensivamente pertencia ao Estado mas era controlado num golpe e prestidigitação que pouca gente entendia mas era do conhecimento de todos, por Berezóvski)**, quem descreveu melhor a fria mudança. Na noite da prisão de Gussínski, a NTV tinha se apressado em levar ao ar uma edição especial do seu *talk show* político *Gólas Naróda* (Vox Populi). Dorenko estava no carro quando ouviu a notícia da prisão, e então correu para o estúdio da NTV. Quando entrou na sala de gravação, cercada por arquibancadas onde se sentavam políticos e jornalistas, quase todos ansiosos defensores de Gussínski, Dorenko estava de *jeans* e um suéter molhado de suor.

---

8-O grupo incluía Anatóli Tchubais, que hoje dirige o monopólio da eletricidade na Rússia, a UES; Rem Viakhirev, presidente da Gazprom, a gigante do gás natural; o banqueiro Pitor Aven, do Grupo Alfa; e até Mikhail Khordorkovski, o homem do petróleo que dirige a gigante Lukos.

Sentei-me perto dele. Tendo sido outrora um inimigo mortal de Gussínski e da NTV, Dorenko ganhou aplausos pelo simples fato de ter ido até lá. Mas quando ele falou, pela primeira vez ao vivo sem *script*, esteve à altura da ocasião com uma eloquência até então desconhecida.

"Achamos que algo tinha acontecido nestes últimos dez anos", disse Dorenko. "Achamos que o velho sistema tinha acabado, que tínhamos atirado todos os robôs na montanha de lixo. Mas eles estavam deitados por aí, e agora voltaram a se mexer. Estão começando a se levantar e a agir. Ouvem uma nova música [...] é assim que os *siloviki*" - os oficiais dos "ministérios do poder", as forças armadas, a polícia e os serviços de segurança - "em todo o país compreendem a subida de Pútín ao poder. Independentemente do que diz Pútín, eles sempre ouvem uma música que nós não ouvimos, e isso os orienta. Estão novamente se levantando, caminhando como zumbis e nos cercando." Só o novo presidente, concluiu o novo atirador, poderia detê-los. "Se Pútín continuar calado, eles simplesmente não vão parar - porque receberam o sinal."<sup>(9)</sup>

A prisão de Gussínski chocou até mesmo o seu pior inimigo. Falei com Berezóvski enquanto Gussínski estava na prisão. Os dias em que os dois foram aliados, até sócios, numa empresa que era de ambos, já estavam longe. Agora eram rivais implacáveis. Berezóvski, também ele sofrendo a investigação de um processo, sabia que o castigo tinha começado e que as denúncias seriam seletivas. "É normal que o Estado persiga os seus opositores", disse ele, mas "nesse caso os métodos foram impróprios." **Quem quer que tivesse exercido uma atividade econômica na Rússia desde o desmoronamento soviético, sustentou ele, “transgrediu alguma lei em algum lugar a certa altura dos acontecimentos”.** Berezóvski gostava da frase; e ele a usava freqüentemente. **Depois da derrocada soviética, a Rússia era selvagem e o que passava por negócios dentro do território russo obedecia às suas próprias normas e não às leis do país.** Pouca gente contestaria isso, mas até Berezóvski sabia que o ardil teria curta duração.

---

9-*Glas Naróda*, NTV, 13 de junho de 2000. Transcrição oficial. A mudança que começou com a demissão de Gussínski e assinalou a ascensão dos homens da polícia secreta ao poder, apenas se intensificou. Em dezembro de 2002, o governo russo terminou a sua participação no programa americano *Peace Corps*. Desde 1992 mais de setecentos voluntários haviam trabalhado na Rússia; a maioria deles tinha ensinado inglês e administração nas regiões. Mais para o início desse mesmo ano a Rússia tinha negado a renovação dos vistos de metade do contingente do *Peace Corps* no país. A justificativa dada pelo diretor do SSF, Nikolai Patruchev, foi que entre os voluntários havia “pessoas que estavam colhendo informações sobre a situação sociopolítica e econômica das regiões da Rússia, sobre os empregados dos órgãos do poder e da administração, e sobre as eleições”.

Num discurso em Washington, em janeiro de 2002, o embaixador americano na Rússia, Alexander Vershbow, disse que a Rússia tinha o direito soberano de encerrar o programa, mas que “infelizmente a decisão foi acompanhada de alegações sem fundamento feitas pelo diretor da SSF”. O embaixador disse que os comentários de Patruchev “além de ultrajantes eram um ominoso afastamento” em relação aos compromissos anteriormente assumidos pelos presidentes Bush e Pútín, para expandir os vínculos não-governamentais.

Ele temia pelo seu futuro?, perguntei.

"Eu seria um tolo se lhe dissesse que me sinto seguro hoje na Rússia."

Poucos meses depois, Gussínski e Berezóvski estavam morando no exterior. O exílio deles não era igual ao dos escritores e dissidentes da época soviética. Ambos ainda tinham residências luxuosas. **Berezóvski manteve, entre outras propriedades, um castelo no sul da França, ao passo que Gussínski se retirou para uma suntuosa villa no Mediterrâneo espanhol.** Tentaram se cobrir com o manto da liberdade de expressão. **Tentaram depreciar a Rússia de Pútín como um Estado policial revanchista. Tentaram salvar o império que tinham.** Ambos haviam sido despojados de todas as suas propriedades na mídia russa.<sup>(10)</sup> Berezóvski, contudo, não perdeu todos os seus ativos na Rússia, mantendo, como atestam os financistas moscovitas, interesses no petróleo, alumínio e até na mídia.<sup>(11)</sup> Mas tanto Gussínski quanto Berezóvski sabiam o que estava claro para todo mundo: os seus dias como dois dos principais motores do país tinham acabado.

Peliévin, o jovem escritor, a "voz da nova geração", também sentiu a mudança dos ventos. No inverno de 2002, a sua influência sobre as mentes jovens da Rússia ganhou reconhecimento oficial. O grupo jovem pró-Pútín *Idúchtchie Vmiéste* (Avançando Juntos) lançou uma campanha para incentivar os jovens leitores a abandonar o lixo literário e trocá-lo por romances patrióticos. Antes, no primeiro aniversário da posse de Pútín, o grupo havia se reunido na Praça Vermelha. Vestindo camisetas que estampavam o retrato oficial do presidente, empunhavam faixas com a inscrição "LIMPE A LATA DE LIXO QUE ESTÁ NA SUA CABEÇA". Peliévin ficou mais do que satisfeito ao ver suas obras entre as escolhidas para essa crítica tão espalhafatosa. Ele tinha previsto o momento em que seria reconhecido.

Certa noite ele me arrancou, como sempre, das profundezas do sono, mal contendo a sua agitação. "Tenho uma piada nova", disse ele. "Você sabe quais são as perguntas fundamentais da história russa?" Todo estudante de história russa sabia: "O que fazer?" e "Quem é o culpado?" Ele tinha formulado uma pergunta nova que definia a

---

10-Gussínski perdeu a NTV, a *ÈkhoMoskvy* e o semanário *Itógui*.

11-Berezóvski nunca foi capaz de compreender as virtudes da transparência. Ele perdeu o controle da ORT, o canal de televisão estatal, mas, no final de 2002, muita gente nos círculos financeiros de Moscou acreditava que ele mantinha pelo menos 1,5 bilhão de dólares em ativos russos, inclusive participações acionárias em companhias de petróleo e de alumínio, assim como o grupo editorial *Kommersant* e os jornais *Nezavíssimaia Gaziêta* e *Óbchtchaia Gaziêta*. Numa entrevista concedida em fevereiro de 2003, o próprio Berezóvski disse que sua rede valia 3 bilhões de dólares (*"Exiled Russian Oligarch Plots His Comeback"*, The New York Times, 17 de fevereiro de 2003). No dia 25 de março de 2003 o exílio de Berezóvski ficou mais desagradável – a polícia inglesa o prendeu em virtude de acusações de fraudes que tinham se originado em Moscou. Iuli Dubov, o homem que já havia dirigido a rede de revendedoras de veículos Logo Vaz, de Berezóvski, também foi preso ao mesmo tempo. Os dois homens foram libertados sob fiança e tiveram de encarar a extradição para a Rússia, um processo que na Grã-Bretanha pode levar anos.

nova era de Pútín: "O que fazer com os que são culpados?"

Pútín, reafirmando uma tradição prevalecte na história russa, tinha feito mais do que reviver os espíritos das forças de segurança. Seu sucesso foi além do domínio sobre os ministros do gabinete, os membros da Duma, os governadores, Berezóvski e Gussínski. Mesmo durante a agitação da guerra da Tchetchênia, Pútín havia renovado a imagem que os russos faziam de si mesmos. Um grande número de compatriotas considerava que ele os havia curado de sua crise de identidade.

Miedviédev, o historiador do stalinismo, falou da "construção da nação por Pútín", e ele não estava sozinho: Serguei Kirienko, o jovem tecnocrata que tinha sido desastrosamente, por um breve período, o primeiro-ministro de Iéltsin, disse que Pútín havia unido o país. O presidente tinha mandado Kirienko para a região do Volga, incluindo-o entre os sete novos plenipotenciários presidenciais. Mais tarde, Kirienko disse que quando assumiu o cargo "o país não estava unido - em nenhum sentido, econômico ou legal".<sup>(12)</sup> Contudo, não era simplesmente uma questão de obter uma concordância entre as leis locais e federais. A mudança foi bem mais profunda, disse Oleg Khlevniuk, o jovem historiador cujas obras sobre a Politbiurô de Stálin lhe valeram uma continuação dos estudos em Oxford e em Yale.

Nós nos encontramos uma noite para beber cerveja e conversar, num café com iluminação fluorescente que fica bem diante do apartamento. antigo de Saljenítsin na rua Tvierskaia. Àquela altura o equilíbrio. já estava rompido. A vida política tinha se tornado mais estável, mas pouca gente ousava qualificá-la de mais democrática. Não. haveria uma volta ao. totalitarismo soviético, mas ainda se temia uma recaída. Em Moscou se dizia que a democracia putiniana era "controlada". Sabia-se que o pluralismo era uma virtude da "mundo. civilizado", algo pelo qual era preciso lutar. A Rússia ainda não estava pronta para ele. Khlevniuk compreendia muita bem a crítica - "É um Estado. policial e teremos de sacrificar as liberdades pessoais, os direitos das minorias e assim por diante" - mas para a Rússia, naquele momento preciso, disse ele, a alternativa "era demasiada perigosa". A nação. estava por fim se unindo. Pela primeira vez, ao que ele se lembrava. Além da mais, Pútín, apesar da carnificina na Tchetchênia, tinha evitado a ameaça mais funesta. "A Tchetchênia teria parecido uma briguinha à-toa", disse Khlevniuk, "se o país tivesse se desintegrado." Segundo ele, a democracia exige tempo.

(pp. 476-482)

(...)

---

12-Discorso de Kirienko no Woodrow Wilson Center, Washington, 30 de janeiro de 2002. O ex-primeiro-ministro observou que a sua nova região administrativa federal, a vasta extensão de terra no centro do país, acompanhando o Volga, tinha “pelo menos 2 mil leis locais que contrariavam as leis federais”. Uma região como a Iacútia, por exemplo, chegaria inclusive a aprovar uma lei estabelecendo duas línguas oficiais, o iacuto e o inglês, que só foi abolida em 2001.

Fragmentos do livro “**TERRA NEGRA**” de Andrew Méier

Todas as companhias petrolíferas russas estavam associadas com as oligarquias. A Lukos foi fundada por Mikhail Khodorkovski, ex-dirigente do Komsomol, a Sidanco foi adquirida por Potánin, a Lukoil foi dirigida por Vaguit Alekperov e a Sibneft foi controlada primeiramente por Bóris Berezóvski e depois por seu protegido por seu protegido de sempre Roman Abromovitch. Com o tempo, umas poucas, como a Lukoil, a Surgutneftegas e a Sidanco, efetivamente atraíram – com graus variáveis de transparência e governo corporativo – consideráveis investimentos estrangeiros. (Notas do cap. IV, nota nº. 15, p. 543)

(...)

Há muito tempo, Aksiônenko era considerado protegido de Iéltsin e, durante um período, serviu como procurador de Boris Berezóvski no Kremlin. Depois que Pútín subiu ao poder em 2000, Aksiônenko perdeu seu emprego de vice-primeiro ministro, mas conservou o Ministério das Ferrovias. No entanto, notícias de corrupção o perseguiram há muito tempo na imprensa russa. Em outubro de 2001, o promotor público geral de Pútín, Vladímir Ústinov, anunciou que havia registrado uma ação criminal contra Aksiônenko por abuso de poder. A investigação se concentrou na apropriação indevida de 2,3 milhões de dólares de fundos do Estado e do não pagamento de 370 milhões de dólares em impostos. Aksiônenko negou qualquer conduta indevida e disse que o processo tinha inspiração política. Em janeiro de 2002, Pútín demitiu Aksiônenko, que admitiu ter “responsabilidade moral” por problemas do Ministério das Ferrovias e logo desapareceu de vista, junto com as reportagens sobre malversação de fundos. (Notas do cap. VI, nota nº. 6, p. 559)

**Andrew Méier, “Terra negra: uma viagem pela Rússia pós-comunista”.** (Título original: “*Black Earth*”), tradução de Cristina Cupertino, revisão técnica de Graziela Schneider, Ed. Globo, São Paulo, 1ª edição, 2005, pp. 476-482, 543, 559-560.